



## O cinema perdeu Alain Delon, um de seus atores mais *talentosos e bonitos*

• PAGs. 4, 6, 6, 7 e 8

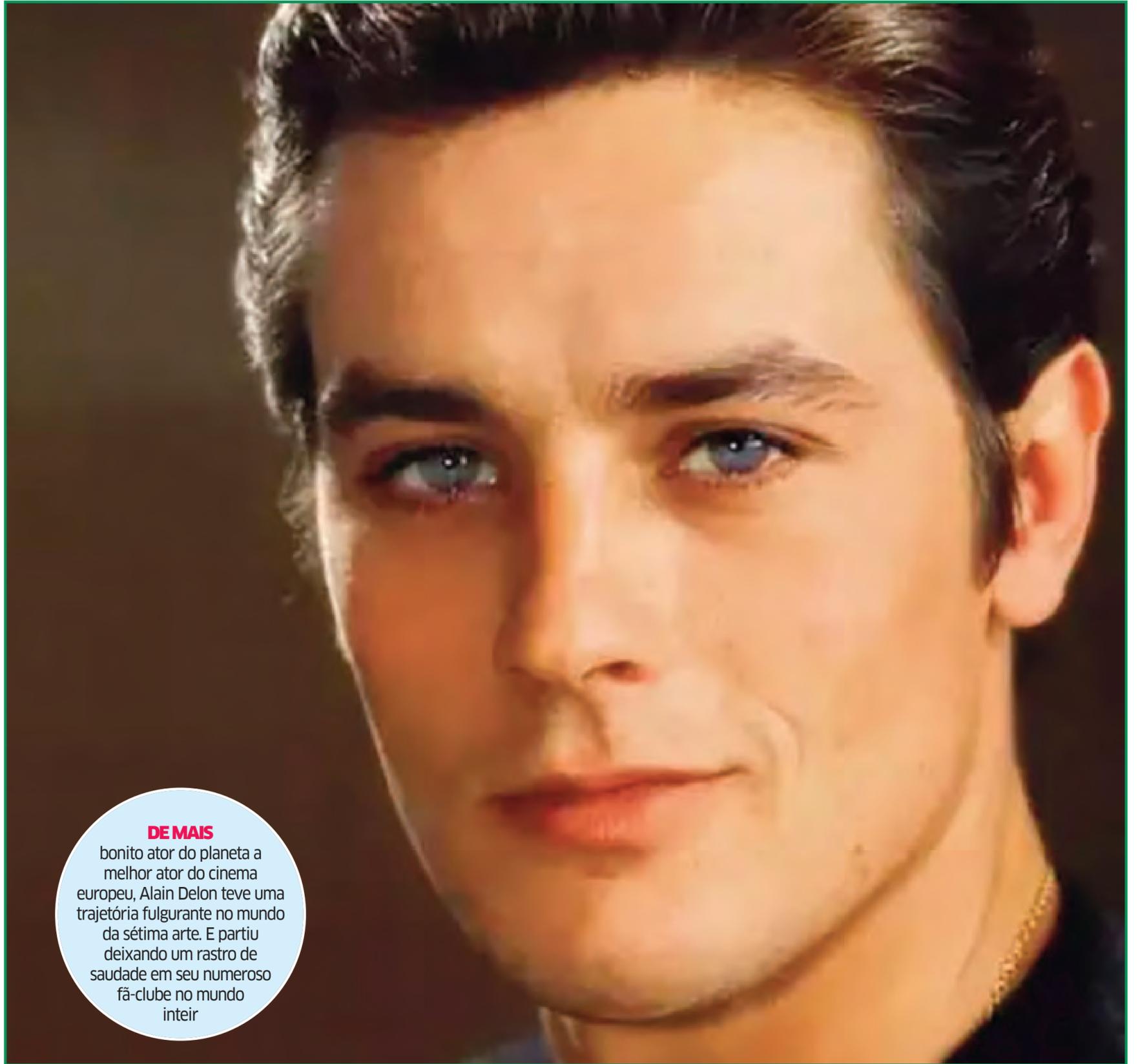


Alain Delon com Mireille Mathieu e o eterno craque brasileiro Pelé

## Sucesso total a abertura da exposição de pinturas de Fernando Motta, no *Convento das Mercês*

• PAG.9 e 10

Arquivo



### DE MAIS

bonito ator do planeta a melhor ator do cinema europeu, Alain Delon teve uma trajetória fulgurante no mundo da sétima arte. E partiu deixando um rastro de saudade em seu numeroso fã-clube no mundo inteiro

**A** gastronomia, já se disse tantas vezes, é uma arte feita para ser destruída. A receita levada à mesa com o desenho digno de uma tela colorida, capaz de honrar a parede de um grande museu, deve ser desfigurada com garfo e faca.

Por isso, desde muitos anos, antecipando o atual surto de celulares e câmeras fotográficas, os japoneses quando jantavam nos restaurantes famosos de Paris tinham a prudência de fotografar o prato antes de desfrinchá-lo. Providência admirável para perpetuar, não só a imagem que impressionou os olhos, mas também os sabores que marcaram a memória gustativa.

O imenso livro de Proust foi construído sobre a pequena memória gastronômica de uma madeleine. Com o livro, Proust perpetuou - com mais engenho que os japoneses, por certo - a lembrança fugidia da infância.

Assim como a arte da gastronomia se faz para ser destruída, a memória é feita para o esquecimento. O cérebro se encarrega de

## GASTRONOMIA:

### *uma arte feita para ser destruída e desfigurada com garfo e faca*

faxinar constantemente nosso depósito de recordações.

Confesso que não me canso de preservar dessa faxina e também não me canso de ler e recordar Giuseppe Tomasi di Lampedusa, o maior escritor italiano do século 20, que como Proust recusava essa fatalidade do esquecimento. Escrevendo, Lampedusa construiu os muros da praça fortificada de suas recordações: "Ter um diário ou escrever a uma certa idade as próprias memórias

deveria ser um dever imposto pelo Estado": o material que se teria acumulado depois de três ou quatro gerações teria um valor inestimável: muitos problemas psicológicos e históricos que assolam a humanidade seriam resolvidos. Não existem memórias, mesmo quando escritas por personagens insignificantes, que não encerrem valores sociais e pitorescos de primeira ordem."

Lampedusa, durante "o declínio da vida", dedicou-se a anotar "o mais possível

das sensações que atravessaram a existência". Consegui capturar momentos "que sem esse leve esforço seriam perdidos para sempre". Certas páginas incomparáveis do seu *Il Gattopardo*, de tão vívidas, parecem emergir de um diário. Por exemplo: a noite em que Angélica surge no romance, quando "a sensualidade se mistura com os sabores do jantar".

Visconti recriou essa cena no cinema com mágica delicadeza. Angélica (Claudia Cardinale no esplendor dos 20 anos) vive um jogo sutil de cativante sedução com o Príncipe (o alter ego de Lampedusa, vivido na tela por Burt Lancaster) e Tancredi (Alain Delon, que no último domingo se despediu para sempre) num jantar que é a primeira refeição da família na casa de veraneio: "A porta se abriu e entrou Angélica. A primeira impressão foi de deslumbrada surpresa. Os Salina perderam a respiração; Tancredi chegou a sentir como se lhe pulsassem as veias das têmporas. Ela era alta e bem feita, sua carne devia possuir o sabor da nata fresca, a boca teria o sabor de morangos..."

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Alípio Moraes, Diógenes Nascimento e Emanuel Márcio Barbosa



Des. Gerson de Oliveira Costa Filho e Mariléa com Fábio Lúcio e Mônica Santos



A bela Milena Adler Sá



Arthur Ázar Filho, Gerson de Oliveira Costa Filho, Alvaro Carneiro, Roberto Hachem e Militão Vasconcelos Gomes Filho

# “GOOD TIMES”:

## uma noite de flashback para lembrar os bons tempos da discoteca mais icônica de São Luís

**E**de repente aconteceu “Good Times” trazendo de volta as lembranças da icônica Boate Gênesis, uma das discotecas mais concorridas de São Luís em tempos inesquecíveis, com destaque especial para os sucessos da disco music.

Intitulada “Gênesis Good Times Celebration”, a festa homenageou as grandes divas da Disco Music com uma performance da cantora maranhense Raquel Pop, que interpretou os sucessos de

Donna Summer, Gloria Gaynor e Irene Cara.

Além de Salim Lauande, a equipe de DJs incluiu Arsênio Filho, Walter Jr., Ricardo Pacifico, Álvaro Carneiro e o VDJ paraense Marcelo Paes, que apresentou um SET com vídeos projetados em telões de LED para enriquecer ainda mais o ambiente.

A festa foi realizada no Blue Tree Towers Hotel, no sábado 17 de agosto de 2024, em comemoração aos 45 anos de carreira do DJ Salim

Lauande, um dos fundadores da Gênesis nos anos 1980.

E o resultado não poderia ter sido melhor: camarotes lotados de gente famosa, muita gente bonita e animada, que viveu os áureos tempos da boate, circulando no salão e a pista de dança sempre lotada de casais de bem com a vida, muitos deles recordando belos momentos vividos ao embalo dos sucessos que encantavam os jovens dos anos 1980 e 1990.



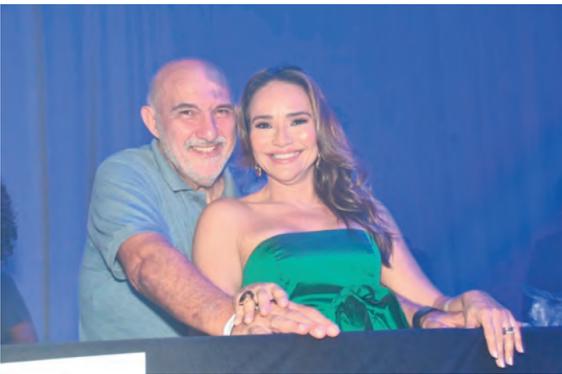
Roberto Hachem e Denise



DJs Walter Júnior, Ricardo Pacifico, Salim Lauande Jr e Álvaro Carneiro



Daniella Athayde Rocha



Joaquim Haickel e Jacira Quariguasi Haickel



Déia Trinta Paes com a filha



Larissa e Mauro José Mello Fonseca



Ana Clara e Daniella com os pais Kátia e Marcone Athayde Rocha



As lindas irmãs Ana Clara e Daniella Athayde Rocha



Salim Lauande Junior e Andréa com o VDJ Marcelo Paes e sua mulher Shirley



Joseane e George Araújo, Denilma Gomes e Walber Amaral com João Marcelo Sá



José Domingues Neto e Daniella Vieira



Terezinha Marques e Álvaro Carneiro



João Marcelo Sá e Milena Adler com Diógenes Nascimento e Carla



A procuradora de Justiça Mariléa Costa entre as amigas Patrícia Lopes e Denise Hachem



Juiz Eulálio Figueiredo e Georgina Mousinho



Luiz Campos Paes e Déia Trinta



Nelson Canito Pimentel e Patrícia Santos



Francisco Veras Junior e Karine Baldez



Magnólia Rolim e Jacira Haickel



Cantora Raquel Pop

## Grande e merecida homenagem

Nascido em 1933, Haroldo Tavares formou-se em Engenharia Civil e, ao longo de sua carreira, desempenhou um papel essencial na modernização de São Luís, destacando-se pelo seu compromisso com a melhoria da infraestrutura da cidade.

Durante o seu mandato como prefeito de São Luís (1972-1975), Haroldo Tavares foi responsável por uma série de obras e projetos que transformaram significativamente o cenário urbano da capital.

Dentre suas principais realizações, destacam-se a construção do Anel Viário, a Barragem do Bacanga, e a pavimentação da rodovia São Luís-Teresina, que foram fundamentais para o crescimento e desenvolvimento da cidade.

Além disso, ele teve uma participação decisiva na construção da Ponte do São Francisco, obra que integrou diferentes regiões de São Luís, facilitando a mobilidade urbana e promovendo o desenvolvimento econômico.

## Homenagem para Sarney em Brasília

O ex-presidente José Sarney vai a Brasília no próximo dia 3 de setembro para receber uma grande homenagem.

Ele será homenageado no dia 4 pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal com a Medalha da Ordem do Mérito Judiciário do Distrito Federal e dos Territórios.

## Quase Nada

Edson Cordeiro e Almério juntam vozes em 'Quase Nada'. Sucesso de Zeca Baleiro ganha nova versão, que também estará no álbum que Cordeiro dedica ao cancionista do artista maranhense

Cantores de duas gerações distintas, que se destacaram e foram revelados pela força de suas interpretações, Edson Cordeiro e Almério juntam suas belas vozes em uma nova versão de "Quase Nada", que chegou na sexta-feira (23/8), nas plataformas digitais.

Consagrada na voz de Zeca Baleiro, que compôs a canção em parceria com a poeta Alice Ruiz, "Quase Nada" também estará no álbum "Cordeiro canta Baleiro", que Edson prepara para lançamento ainda este ano.

## Quase Nada...2

As vozes do paulista Edson Cordeiro e do pernambucano Almério se entrelaçam na nova gravação de "Quase Nada", que tem os toques de Alexandre Fontanetti, na guitarra; Marcelo Jeneci, nos teclados e acordeon; Serginho Carvalho, no baixo; e Jota Erre, na bateria.

"Quase Nada" é a segunda amostra do álbum dedicado ao cancionista do compositor maranhense, que Edson Cordeiro está gravando em São Paulo com produção do próprio Zeca Baleiro e de Alexandre Fontanetti.

O primeiro single, "Tango do Cordeiro", foi composto especialmente por Baleiro para Edson, que mostra na gravação todo o seu poder de intérprete e virtuosismo, dando um salto de duas oitavas no final da música. O vigoroso registro levou Edson a ser indicado ao PMB - Prêmio da Música Brasileira de 2024, na categoria "melhor intérprete de canção popular".

## Sobe a estrela de Ricardo Duailibe

O 2º Encontro Jurídico da Associação Brasileira do Mercado Imobiliário – evento que antecede o 91º Encontro da Associação da ABMI – trouxe importantes debates jurídicos sobre a legislação, práticas e estratégias jurídicas para o setor imobiliário, na última terça-feira (20/8), em São Paulo.

O encontro teve como palestrante o Presidente da Coordenadoria de Sustentabilidade e Responsabilidade do Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA), desembargador Ricardo Duailibe, no debate sobre sustentabilidade na construção civil brasileira e mercado imobiliário.

Em sua palestra, o desembargador Ricardo Duailibe afirmou que o Brasil possui um farto aparato legislativo, financeiro e estrutural em prol da sustentabilidade na construção civil, além de um mercado consumidor interessado e favorável à ideia da sustentabilidade.

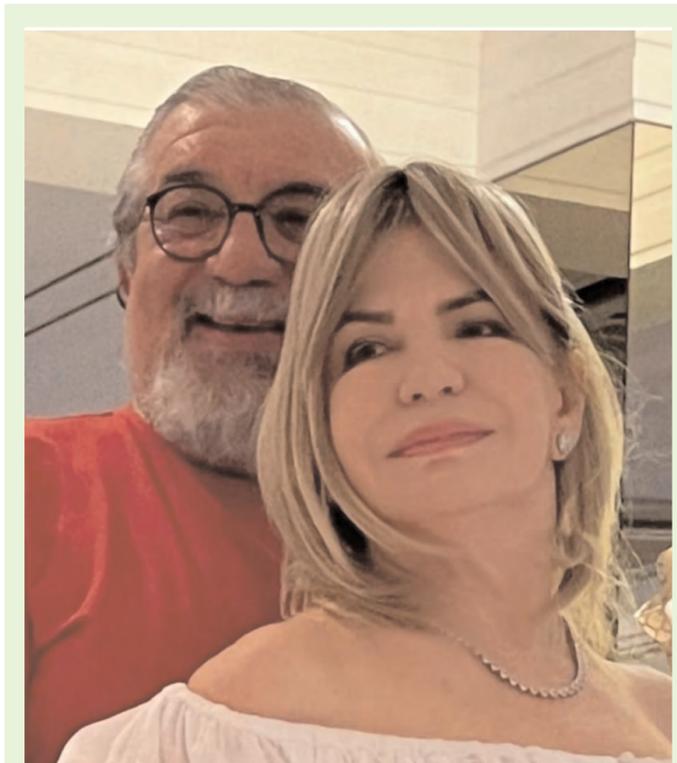
"A sustentabilidade em nosso país tem obtido sucesso na medida em que hoje há uma proteção legislativa e maior consciência. O próprio Poder Judiciário é um participante dessa luta para fazer com que sejam observadas as regras na construção civil e na própria preservação ao meio ambiente", ressaltou o magistrado.

## Sobe a estrela de Ricardo Duailibe...2

Duailibe destacou também a importância do incentivo estatal para que as empresas que vão investir no mercado imobiliário cumpram e observem as normas para tornar as construções sustentáveis. "O Poder Judiciário está atento para coibir abusos na área de degradação ambiental, desmatamentos e na reciclagem dos resíduos sólidos", frisou.

Na ocasião, especialistas e personalidades jurídicas do sistema de Justiça brasileiro, advogados e advogadas de empresas associadas à ABMI, e de outras entidades do mercado imobiliário, reuniram-se para aprofundar temas que envolvem as garantias locatícias, contratos envolvendo imobiliárias e loteamentos, condomínios e alienação fiduciária, Direito Registral e revisão do Código Civil, corretor associado, entre outros.

A programação do evento incluiu quatro painéis pela manhã e três palestras à tarde. Além do desembargador Ricardo Duailibe, também estiveram entre os palestrantes o desembargador Francisco Eduardo Loureiro, corregedor-geral de Justiça do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP), a professora doutora Rosa Maria de Andrade Nery, relatora do anteprojeto de revisão do Código Civil e integrante da Comissão de Juristas do Senado Federal, advogados e advogadas do ramo imobiliário.



Já dizia Tom Jobim, "é impossível ser feliz sozinho". A empresária Lou Marques (diretora financeira da escola COC São Luís) sabe disso e não se cansa de dividir as bênçãos que recebeu na vida com outras pessoas. O projeto Wonder Woman de sua autoria, já está na sua sétima edição, e nestes seis anos já capacitou mais de 400 mulheres da comunidade, oferecendo cursos de especialização para que elas possam otimizar o seu negócio. O Wonder Woman proporciona independência financeira às participantes, melhorando sua qualidade de vida, e garantindo relações domésticas mais seguras. Lou é vista na foto na companhia do marido, Prof. Cidinho Marques, que ministra cursos sobre Gestão das Emoções para as participantes do projeto.

## Elevado Haroldo Tavares

O secretário de Infraestrutura, Aparício Bandeira deu a sugestão ao governador Carlos Brandão, que ficou de estudar o assunto.

Mas o vereador Octávio Soeiro saiu na frente e apresentou um projeto de lei denominando o elevado Holandeses – Litorânea, na Ponta d'Areia, com o nome de "Elevado Prefeito Haroldo Tavares".

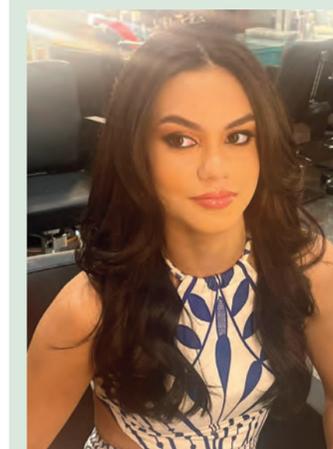
A justificativa do parlamentar é que o Projeto de Lei visa homenagear o

engenheiro civil e ex-prefeito de São Luís, Haroldo Tavares, cuja gestão deixou um legado marcante no desenvolvimento urbano e social da capital maranhense.

A homenagem com o nome do ex-prefeito municipal de São Luís é uma forma de perpetuar a memória de um homem que tanto fez pela cidade de São Luís, garantindo que seu legado seja lembrado por futuras gerações.



Rafaella Azevedo Gomes completou 14 anos e ganhou uma linda festa proporcionada pelo seu pai Luciano Gomes. Cedo, ela foi cuidar da beleza com Celso Kamura, que assinou cabelo e maquiagem para a grande noite no salão de festas do Edifício Porto Fino, no Renascença. Noitada agitada que reuniu quase uma centena de colegas da aniversariante. E assim aconteceu a festa com muitas luzes e muita emoção. Na foto, prejudicada pela iluminação feérica do ambiente, Rafaella entre os pais Milene Azevedo e Luciano Gomes



Rafaella produzida por Celso Kamura



Rafaella com sua avó materna Ione Azevedo



# Alain Delon (1935-2024): o ator que perseguiu a sua própria morte

Correu várias vezes atrás do seu duplo nos filmes. Finalmente apanhou-o. Alain Delon, 88 anos, o ator da “perpétua intranquilidade”, morreu esta manhã na sua propriedade de Douchy.

## Alain Delon: uma das carreiras mais monumentais da história do cinema

Depois de tanto andar atrás dela, Alain Delon conseguiu finalmente apanhar a sua morte. A imprensa francesa cita uma declaração dos seus “três filhos (e do seu cão Loubo)” à AFP: O “monumento”, o “samurai do cinema francês”, dizem os jornais e as televisões, partiu. O ator que mais belas e teatrais mortes teve no cinema morreu “serenamente” na sua propriedade de Douchy, aos 88 anos. Foram belas as mortes de Alain Delon no cinema. Mas ele nunca escondeu que envelhecer não era doce, que a saúde e o envelhecimento, um câncer e um AVC, estavam sendo injuriosos para aquele que fora um dos mais belos seres humanos do planeta.

Logo no início de carreira, Alain Delon perseguiu esse duplo, a morte, em *Histórias Extraordinárias*, no episódio William Wilson dirigido por Louis Malle, em 1968. Continuou a gostar de morrer em *Os Sicilianos* (Henri Verneuil, 1969), *Tratamento de Choque* (Alain Jessua, 1973), *Big Guns/Sentença de Morte* (Duccio Tessari, 1973), *Scorpio* (Michael Winner, 1973), *O Círculo Vermelho* (Jean-Pierre Melville, 1970) ou *L'Homme Pressé* (Edouard Molinaro, 1977) – O Homem Apressado podia servir de síntese: Alain Delon, sem tempo para perder tempo; Alain Delon, o homem da “perpétua intranquilidade”.

É apenas uma pequena amostra, numa carreira de mais de cem títulos entre cinema e televisão. Em dois deles, *L'Insoumis*, de Alain Cavalier (1964), e *O Samurai* (1967), de Melville, é ele que gere o seu final, peripatético no primeiro caso, pudico no segundo. Mas em ambos, cruzando as mãos com as luvas brancas no filme de Melville ou levando-as ao rosto para fechar os olhos no filme de Cavalier (um fotograma dessa sequência fez a capa de *The Queen is Dead*, o terceiro álbum de estúdio dos Smiths), é como se mantivesse o espectador à distância do seu ritual solene. Delimitando uma zona rarefeita, íntima, só dele e que ele, como um animal, demarca com a sua estética.

Até o fim, nos filmes, foi um pudico e foi um narciso. Por isso tanto deve ter sido consumido no final da vida pelas desavenças entre os seus três filhos, Anthony e Alain-Fabien de um lado, Anouchka do outro, que se digladiaram em público em torno da tutela do pai e do ascendente que gostariam de manter junto dele.

Foi um altivo encenador do seu teatro. Alain Cavalier referiu-se uma vez a ele, numa conversa em 2010, nestes termos: pertencia a uma estirpe de “corpos gloriosos” conhecedores profundos da mise-en-scène. É essa a história da sua interpretação maior, que é também a obra-prima do seu realizador, Joseph Losey: *Monsieur Klein* (1976). É uma história de duplos, de um homem apressado, de perpétua intranquilidade, Delon como Klein atrás de Delon como Klein até à morte, precipitando-se para os campos de concentração. Durante a filmagem, o cineasta escreveu à mulher: tudo corria bem no plateau, mas o ator era um homem “quebrado”, “triste”, uma “tragédia” ambulante. E tinha apenas 41 anos.

## O ator como autor obsessivo

Numa entrevista ao *Le Monde*, Delon abriu um dia o jogo: “Vêm-me morrer porque eu sei morrer. Um herói deve saber morrer. Adorava morrer porque é um ponto final.” Era também perito na teatralização, nisso “o ator que gostava de morrer” foi estrondoso. E como jogou com ela, com a morte, e como tanto a invocou: em maio de 2019, homenageado pelo Festival de Cannes, referiu-se à distinção como um prémio “póstumo” pois já não tinha nada a dizer ao cinema, nada a acrescentar à vida. Perante a incredulidade da assistência, dos risos de



desconforto, anunciava aí a sua partida – o homem já não filmava mas continuava a ser um ator –, e são essas imagens que estão passando incessantemente na televisão francesa. Citou também um dia o seu herói, o General De Gaulle, a única “estrela” que o embasbacou: “Envelhecer é um naufrágio”.

Na sua propriedade de Douchy, onde se refugiou nas últimas décadas – era preciso gostar da escuridão, da solidão e da natureza para ali viver (segundo a filha Anouchka) –, há espaços que só ele usava: uma sala com o espelho de maquiagem e as lâmpadas, mais adereços de carreira, como uma roupa de palhaço, e um “altar” com as fotos dos seus, os mortos. Aí nem as fotografias dos filhos entravam. Romy Schneider, Mireille Darc, Nathalie Delon, as mulheres que ele deixou sem nunca as deixar, Luchino Visconti, Jean-Pierre Melville, René Clément, os realizadores que o guiaram como figuras paternas, estão nesse mausoléu pessoal que vai dar a uma sala de cinema privada onde *Apocalypse Now* era um dos filmes favoritos. E é tão perfeito isto que se segue que não pode ser mera

coincidência: Alain chegou a escrever a François Truffaut para mostrar interesse pela personagem de *O Quarto Verde* (1978) que o cineasta acabaria por interpretar, um homem, Julian Daverne, que constrói um mausoléu em casa com os mortos da sua vida.

Do cinema que já acabou, Alain Delon foi a última das estrelas europeias. Ou representante de uma espécie. Era natural que várias vezes dissesse que já tinha morrido. O brilho é que ainda nos continuava a chegar. É que houve uma época em que se ia ao cinema para ver Delon. Que era sempre ele, o físico de contornos definidos em que luz e sombra se encontravam “com alegria”, alguém descreveu, recortando uma ameaça felina. Essa imagem de marca, essa assinatura, dizia Henri Rode no livro-perfil que lhe dedicou em 1976, era trabalhada contra o efêmero. É nesse sentido que um ator pode ser um “autor” obsessivo, alguém que escreve a sua obra. Isso é uma característica tão europeia que as investidas americanas, os convites de Hollywood, onde Delon foi recebido em festas de homenagem à “maravilha francesa” ou ao “D’Artagnan de Paris”, nunca

deram em nada de memorável.

Já na Europa teve a seu jeito os sacrossantos, para além dos citados Visconti, Malle, Clément, Melville ou Cavalier. Michelangelo Antonioni e *O Eclipse* (1962), Valerio Zurlini e *Outono Escaldante* (1972), má relação entre ambos mas belíssimo filme, Godard e *Nouvelle Vague* (1990) vieram juntar-se a uma das carreiras mais monumentais do cinema mundial. Foi ele o responsável por sucessos como *A Piscina* (1969), onde impôs a ex-amada Romy Schneider, resgatando-a a um momento de paralisia na sua carreira e levando os espectadores a viver através das personagens o romance que já terminara entre os dois, e *Borsalino* (1970), formando dupla com Jean-Paul Belmondo, seu amigo, seu rival, a outra vedete que, com ele, sustentou durante os anos 1970 toda uma indústria.

Um e outro, já agora: Belmondo era filho da alta burguesia, Delon um produto de um círculo familiar destróado e socialmente frágil; um era exuberante, todo exteriorizado, a sua aprendizagem feita no Conservatório, o outro, um autodidata, de registo interiorizado, minimalista (“japonês”, dizia-se, e deve ser por isso que com o sucesso de *Plein Soleil*, de René Clément, foi objeto de adulação extrema no país do Sol Nascente, onde todos os seus filmes passaram a ter “soleil” no título traduzido). Cada um deles, Alain e Jean-Paul, inverteu a determinada altura para o cinema comercial, dando aí vazão ao seu narcisismo.

Belmondo, depois do fracasso de *Stavisky*, de Alain Resnais (1974) – um filme de drama biográfico francês de 1974 baseado na vida do financista e fraudador Alexandre Stavisky e as circunstâncias que levaram à sua misteriosa morte em 1934 –, cortou com o cinema de autor e exercitou a sua autoironia, a derrição em veículos para as suas acrobacias. Por isso pôde às tantas parecer mais moderno.

Já Delon, como se se tratasse de uma crença em que só ele acreditava, insistiu na escuridão, construiu aí a sua própria autoria, produziu e realizou com excesso de voluntarismo, por isso às tantas pareceu mais narcísico, deslocado do mundo e dos novos rostos que apareciam, como Gérard Depardieu, Patrick Dewaere e outros. Mas Jacques Dery, que realizou *A Piscina* e *Borsalino*, disse dele: “Perante a câmara, a sua preocupação de autocritica permanece intacta. Meter o público na algibeira à força de truques é demasiado pouco para ele”.

## Limar os dentes

Não foi fácil o começo de vida de Alain Fabien Maurice Marcel Delon. Nascido em Sceaux, a Sul de Paris, filho de pais separados, o pai projetorista de cinema, a mãe casada em segundas núpcias com um salsicheiro, foi entregue aos cuidados de uma ama. Tornou-se um rei da evasão, fazendo para ser expulso das escolas, ensaiando fugas aos 14 anos (uma das vezes em direção a Chicago) que acabavam na esquadra de polícia. A síndrome do abandono não o largaria, seria mesmo decisiva na sua construção de animal ferido e moldaria as suas relações familiares e amorosas. É um legado que deixa aos filhos: os conflitos com eles e entre eles são também o seu patrimônio. Mas, como reconheceu, se tivesse sido uma criança mimada, acarinhada, protegida, submetida à tutela e à ternura de uma família, teria sido o que foi? “Teria eu polido os meus dentes de lobo?”, perguntou na tal entrevista a Henri Rode.

Um dia “fugiu” mesmo, e teve autorização dos pais para isso. Alistou-se na Marinha, foi parar na Indochina (onde hoje é embaixatriz brasileira a maranhense Miriam Cecilia Parga Prata). Mais tarde culparia os progenitores por tão facilmente o terem autorizado a partir. Queriam livrar-se dele? Mais do que se alistar, foi alistado, sentiu. Era complexo, Alain.

Continuou a polir os dentes, porque foi parar numa prisão militar, pela sua associação com um traficante, e acabou desmobilizado. No regresso à pátria, acabou em Pigalle, o “bairro vermelho” de Paris, onde se dedicou à “aprendizagem da vida”. E descobriu o Quartier Latin, por onde andavam os jovens Belmondo e Jean-Claude Brialy. Com eles foi até Cannes, smoking alugado, “farejando a vida” em night clubs e cocktail parties.

É nesta altura que a sua beleza fulmina uma atriz de estatuto consolidado e mulher experiente, Brigitte Auber (Les Rendez-Vous de juillet, de Jacques Becker). Seria decisiva para o introduzir no milieu. Os primeiros papéis serviam-se da sua allure: como Christine, de Pierre Gaspard-Huit (1958), onde conheceu a vienense Romy Schneider, com quem viveria um breve mas publicitado romance de juventude. Não se reconhecia na imagem de jeune premier, que achava pouco viril, que se refletia no espelho. Não correspondia à inquietação que sentia, às sombras que o envolviam. Por isso arriscou: quando René Clément lhe propôs Plein Soleil, adaptação de Patricia Highsmith, recusou o papel que lhe era oferecido, a vítima, porque morria cedo demais, e ofereceu-se para ser o assassino, Ripley. Clément considerou o gesto um desafio. Mas, ao fundo, a senhora Clément viu mais longe: “René, o menino tem razão”. Tinha. O contato com as zonas de escuridão, a duplicidade, a amoralidade, as tais luz e sombra que tanto encandeavam como resfriavam o espectador, tiveram nesse filme o seu momento inaugural e definidor.

Seguiram-se... Visconti, a tragédia Rocco e Seus Irmãos (1960), continuando a ser formado por esta que, depois de Clément, seria figura de autoridade na sua vida e na sua carreira e com quem trabalharia nos palcos a violência de um amor incestuoso, na peça Má Sorte Ter Sido Puta, de John Ford (1586-1640), obra-prima do teatro isabelino em que Romy Schneider na verdade o ofuscou. Depois, com O Eclipse, foi o homem moderno na sociedade da alienação segundo Antonioni. E com Visconti, de novo, irradiou juventude no crepúsculo do imenso O Leopardo.

Tulipa Negra (1964), de Christian Jacque, dois anos depois de Belmondo ter sido Cartouche (as carreiras dos dois atores começariam a farejar-se), foi um interlúdio aventureiro e pícaro. Deu-se então o encontro com Cavalier e com o tal título da sua mais bela morte, L'Insoumis. Foi um filme perseguido pela censura, por isso continua desconhecido da maioria dos espectadores ainda hoje, devido ao pano de fundo, a guerra pela independência da Argélia, em que evoluiu Delon como desertor da Legião Estrangeira alistado na Organisation Armée Secrète (OAS), organização terrorista de extrema-direita.

Jean-Pierre Melville seria o passo seguinte de uma construção. O Samurai (1967), de que o realizador responsabilizou o ator como cocriador, O Círculo Vermelho (1970) e Un Flic (1972) formam uma síntese poética, neurótica e rarefeita da persona Delon. “Melville conhecia melhor do que eu esta personagem que eu sou”. Um e outro foram até o fim de uma relação profissional e pessoal.

Entre os Melville, aparece Borsalino, enorme sucesso, que chegou à moda tal como os gangsters de Bonnie e Clyde de Arthur Penn. Foi um medir de forças entre as duas maiores vedetes do cinema francês, que quase se zangaram durante a promoção porque o nome de Delon, também produtor, aparecia duas vezes no genérico em vez de uma, como, segundo Belmondo, tinha sido acordado. O mal-entendido acabou por ser uma hipótese de solidificarem a amizade e a admiração que nutriam um pelo outro. Quando se voltaram a encontrar em 1998, em 1 Chance sur 2, de Patrick Leconte, com Vanessa Paradis a tentar descobrir qual deles seria o seu pai, o pouco interesse dos espectadores foi um golpe para Delon, que assim confirmava que o seu tempo acabara. Começou a cerimônia do adeus. Numa emissão da televisão, na véspera da estreia do filme mas sabendo já da morna recepção crítica, diria então que talvez não tivesse mais nada a acrescentar ao cinema.

Melville e Visconti desapareceram com intervalo de três anos, em 1973 e 1976, respectivamente. Em 1982 seria a vez de Romy Schneider, cujo cadáver serenamente deitado na cama ele fotografou três vezes, fotos que, dizia-se, o acompanhavam. Foi ele que se ocupou do funeral. Alain Delon começava a transformar-se em personagem de Visconti, apanhado pelo tempo. O assassinato de Stevan Markovic, em 1968, já o cobria com o manto pesado das ligações perigosas, mostrando que a aura não era para brincadeiras. Markovic, ex-guarda-costas do casal Delon/Delon, Alain e Natalie, envolvera-se com a esposa do patrão, o que o fez cair em desgraça junto dele, foi preso várias vezes por furto e violência e depois de encontrado morto foram reveladas cartas suas em que ligava Delon ao crime organizado. O “caso” chegaria a tingir-se de crime de chantagem, envolvendo a mulher de um primeiro-ministro, Georges Pompidou, em cenas de supostos vícios privados. Mas ninguém foi acusado criminalmente.

Já a ligação de Delon à extrema-direita, a Jean-Marie Le Pen, não era sequer um segredo de Polichinelo. Veja-se a entrevista que deu a Christine Ockrent, na véspera da estreia de Notre Histoire, de Bertrand Blier (1984), o filme que lhe valeu o único César: provocado pela jornalista, responde agastado que não existe diferença entre a direita e a extrema-direita, “é tudo direita”.

Contraditório e reacionário, as suas diatribes contra o mundo homossexual estiveram na origem de uma das brigas com o filho Anthony. Este lembrou-lhe que a sua carreira artística fora protegida, cuidada e trabalhada por artistas homossexuais. Não foi preciso, sequer, explicitar o nome: Luchino Visconti.

O mausoléu privado de Alain Delon em Douchy completava-se no jardim com as campas de repouso de três dezenas dos seus cachorros. Uma outra característica do ator foi sempre assinalada pelos que o conheceram: este “animal da câmara” teve em comum com os animais (e no fim restou-lhe Loubo) uma obsessiva fidelidade às duas ou três pessoas que fizeram parte do seu universo.

Junto aos portões de Douchy, onde gostaria de ser enterrado, um acordeonista encheu esta manhã a natureza com acordes nostálgicos. Para Alain Delon, o tema-título de Borsalino.

# “O baile acabou”, Alain Delon foi dançar com as estrelas

Fotos/ Divulgação/Getty Images

## “O baile acabou”, Alain Delon foi dançar com as estrelas

A propriedade do ator converteu-se em local de romaria e homenagem. Da direita à esquerda, os franceses choram a perda de “um monumento”, como lhe chamou na manhã de domingo o Presidente Emmanuel Macron.

Os vizinhos afluem a Douchy, no departamento de Loiret, centro da França, que era o refúgio de Alain Delon e do seu clã, propriedade construída pelo ator com a ajuda da sua companheira de então, a atriz Mireille Darc. Foi o local onde Delon – na companhia dos seus cães, os vivos e os mortos, das fotografias das mulheres com quem partilhara a vida, Mireille, Nathalie Delon, Romy Schneider, e dos seus três filhos, ao mais novo dos quais, Alain Fabien, coube o papel de vigilante permanente do envelhecimento do pai – aguardou o dia da sua morte. Chegou o último domingo, pela manhã.

## “O baile acabou”...2

Debaixo de um céu carregado, a ameaçar chuva, junto aos portões de Douchy foram depositadas flores e soltaram-se os relatos de quem com ele se cruzou nos restaurantes da zona – “um homem simples”, dizem, o que não contradiz em nada uma outra verdade: que era um tipo bastante complexo. Um acordeonista ofereceu-lhe como homenagem os acordes de Borsalino, o enorme sucesso de bilheteira com que Delon e Jean-Paul Belmondo abriram a década de 1970.

As televisões tinham repórteres em transmissão direta de salas de cinema parisienses que durante a tarde colocaram em cartaz O Leopardo (Luchino Visconti, 1963), com lotações esgotadas, ou das escadarias de Cannes, local do mais importante festival de cinema do mundo com o qual o ator tinha uma relação complicada, porque não se considerava suficientemente querido, porque Cannes não premiara Monsieur Klein (a Palma de Ouro, nesse ano de 1976, foi para Taxi Driver).

O ano de Nouvelle Vague, de Jean-Luc Godard (1990), foi então uma tentativa de serenar os ânimos. Delon não fez por menos: eclipsou, com a sua chegada, tudo e todos, o cineasta incluído. Há cinco anos, nova aproximação do festival: o ator foi ali homenageado. Foi um estranho final de tarde porque, para espanto dos presentes, Alain Delon anunciou essa cerimônia como uma homenagem póstuma, uma vez que estava se despedindo da vida.

## Alain Delon tinha o riso e a lágrima fáceis

Os que dizem que chegaram ao círculo da sua intimidade recordam agora um homem franco, corajoso, honesto, que reivindicava o direito às suas opiniões. Vêem nisso uma “forma de humanismo”. Que tinha o riso e a lágrima fáceis. Que era duro. Que não monopolizava o interesse da câmara de filmar. Que, memória talvez generosa, representou no teatro As Pontes de Madison County, em 2010, quase sempre de costas para colocar em realce a sua partenaire, Mireille D'Arc. Que um dia colocou Valéry Giscard D'Estaing para fora da sua propriedade, porque ali só vinham os que ele convidava.

Richard Berry, ator, por exemplo, foi muito explícito: O Samurai, de Jean-Pierre Melville, filme de uma “solidão profunda”, é um dos “legados” do único ator francês que, segundo ele, foi tão popular no mundo como na França. Naquele período, entre O Leopardo (1963) e Monsieur Klein (1976), 15 formidáveis anos em que Delon fez tudo que tinha para fazer e que representa, citamos agora o produtor Alain Térzian, a pegada do “imenso cinema da nossa época que está esquecida hoje”. É verdade: basta ver a forma como os canais televisivos brasileiros, públicos e privados, foram incapazes de enxergar a figura, num misto de preguiça e de amnésia cultural, de ignorância, um gesto rotineiro sem cuidado, sem amor.

Já quanto à “herança” de Delon, Berry também não reservou a sua opinião: tendo em conta aquilo que nos últimos tempos se passou entre os três filhos do ator, Anthony, o mais velho, Anouchka e Alain-Fabien, que se dividiram quanto à maneira de tratar a doença do pai e quanto à tutela sobre os atos que influenciavam o seu patrimônio, Berry prevê que eles sofram e que se despedam por causa da herança.

Paul Belmondo, filho de Jean-Paul (1933-2021), recordou a amizade e cumplicidade entre o seu pai e Alain Delon, que foi visto pela última vez em público em 2021 no funeral do intérprete de O Acossado. Morreram com a mesma idade, 88 anos. “Alain, um dia disse-me que sentia muito a falta do meu pai, hoje é você que nos faz imensa falta” foi o post no seu instagram. Numa declaração à estação BFM TV, Paul Belmondo fez mais, fez uma bela síntese de duas rivalidades que se transformaram em amizade, uma carreira vinda da Comédie Française e da burguesia (a de Jean-Paul), a outra nascida na rua (Delon).

Da direita, o campo ideológico do ator, à esquerda, de Jordan Bardella, da União Nacional, a Fabien Roussel, secretário-geral do Partido Comunista Francês, há memórias do solar Tancredi de O Leopardo e do lúgubre Klein de Monsieur Klein. “Melancólico, popular, secreto, era mais do que uma estrela: um monumento”, eis a síntese do chefe de Estado, Emmanuel Macron. “Estrela de cinema. Estrela popular. Estrela visceralmente francesa”, para Gabriel Attal, primeiro-ministro demissionário. Marine Le Pen também quis reclamar a sua parte de Alain Delon: “É uma pequena parte da França que amamos que desaparece”. A mesma parte de Éric Zemmour, do movimento extremista Reconquista: faz da beleza de Delon, “o homem mais belo do século XX”, uma qualidade francesa.

Brigitte Bardot disse que ela e Delon partilhavam “os mesmos valores, as mesmas desilusões”, forma direta de ir ao fundo da mundivisão, ou da ideologia, como se quiser, que os unia. Por isso perdeu “um amigo, um alterego, um cúmplice”.

Para Claudia Cardinale, em declarações à AFP, “o baile acabou”. “Tancredi foi dançar com as estrelas” – referência à seqüência que ambos protagonizaram em O Leopardo. “Per sempre tua, Angelica”, despede-se, assinando com o nome da personagem que assumiu na obra-prima de Visconti.



Tancredi e Angela: Delon e Claudia Cardinale, na seqüência do baile de O Leopardo

## “Alain de loin”

Alain Delon foi um astro de cinema francês cuja imagem de galã e persona estilo James Dean o tornaram um dos atores mais celebrados de sua nação.

Desde seu primeiro filme, em 1957, Delon foi uma presença quase constante no cinema francês e em revistas de fãs, a par do rival e parceiro de atuação ocasional Jean-Paul Belmondo. Delon era tipicamente escalado como um rebelde ou gangster bonito, friamente distante e até um pouco sinistro.

Seus “olhos azuis lacrimajantes”, observou o The New York Times em 1970, “são para a França o que os de Paul Newman são para os Estados Unidos”.

Na França, Delon apareceu em cerca de 80 filmes e séries feitas para a TV, muitos deles dramas policiais ou de ação. Um símbolo sexual conhecido como “Brigitte Bardot masculino”, Delon foi apelidado de “assassino de garotos bonitos” por sua aparência e papéis marcantes. Os críticos disseram que seus trabalhos mais ilustres foram interpretar um assassino em The Samurai (1967) e um ladrão mestre em The Red Circle (1970) com o diretor de filme noir Jean-Pierre Melville.

O próprio Delon classificou Monsieur Klein (1976), no qual ele interpretou o personagem-título – um negociante de arte inescrupuloso – como seu melhor papel. O filme, dirigido por Joseph Losey, ganhou três prêmios César, a honraria nacional do cinema francês.

Nos EUA, ele era mais conhecido por seus papéis em Is Paris Burning? (1966), o épico sobre a ameaça de Adolf Hitler de destruir Paris na Segunda Guerra Mundial, e em The Leopard (1963), de Luchino Visconti. Ele também estrelou The Yellow Rolls Royce (1964), The Sicilian Clan (1969) e Borsalino (1970).

Alain Delon era tão bonito que, na França, o seu nome serve para apontar, por contraste, homens feios: diz-se que o sujeito é um “Alain de loin” (Alain de longe, no trocadilho em francês).

## Beleza paradigmática

É injusto estigmatizá-lo como galã, embora a sua beleza paradigmática fosse difícil de ser sobrepujada pelo seu talento dramático evidente. Ele deve os seus grandes papéis aos diretores italianos, em especial Michelangelo Antonioni e Luchino Visconti.

Depois, com Visconti outra vez, ele faria Il Gattopardo, baseado no livro de Tomasi di Lampedusa. Alain Delon é o príncipe Tancredi, da decadente aristocracia siciliana, que se casa com Angelica, filha de um novo rico da plebe, a fim de que tudo mude para que permaneça como sempre foi.

O seu par é Claudia Cardinale, que nunca cedeu aos encantos de Alain Delon e que foi sua amiga até o fim. No filme, ambos estão esplendorosos. Assim como ele, Claudia Cardinale era de uma beleza felina. Quando se falavam ao telefone, Alain Delon dizia “oi, aqui é Tancredi”, ao que ela respondia “oi, aqui é Angelica”.

A cena de baile dançada por Alain Delon e Claudia Cardinale é uma das mais icônicas da história do cinema (no seu lamento pela morte do amigo, ela disse que “o baile acabou”). Visconti exigia que os dois realmente se beijassem e se acariciassem. “Quero ver a

língua”, recomendou a Claudia, em indistigável voyeurismo, para a sorte também dos espectadores de obra de arte tão magnífica. Ao mesmo tempo, podemos colocar a exigência na conta do perfeccionismo naturalista do diretor de nobilíssima família milanesa: até as louças dos armários do filme eram peças genuinamente valiosas.

Alain Delon afirmava dever tudo às mulheres. Sem elas, dizia, nunca teria sido ator. Como não poderia deixar de ser, “o homem mais belo do mundo” as teve em profusão e em todas as condições: como amigas, namoradas, esposas, amantes. Entre as amigas, além de Claudia Cardinale, havia Brigitte Bardot. Na nota em que lamenta a morte do ator, ela disse que Alain Delon era seu “alter ego e cúmplice”.

A sua grande paixão foi a austríaca Romy Schneider, com quem trocou tapas, beijos e muito mais durante cinco anos, naquele tipo de amor que só quem viveu sabe como pode ser tão intenso quanto terrível. E indissolúvel mesmo após o fim: muitos anos depois do término do romance, é em Alain Delon que Romy Schneider se apoia durante o enterro do filho dela, morto em um acidente trágico, aos 14 anos.

Acusado pelas feministas de ser misógino (e racista, e homofóbico, e culpado de ter simpatia pela direita radical, preenchendo todos os requisitos do bestial político correto), ele declarou a um jornal: “Eu disse uma vez que estapeei uma mulher? Sim. E deveria ter acrescentado que recebi mais tapas do que dei. Na minha vida, nunca molestei uma mulher”.

## O Retrato de Dorian Gray

Alain Delon não gostava que lhe aplicassem o adjetivo “sedutor”. “A sedução é feita de cálculo, não de fascinação”, explicava. O homem que fascinava teve uma vida fascinante, apesar da velhice triste, que nele foi mais do que pleonasso. Compreende-se a tristeza que ia além das vicissitudes habituais. Nos seus filmes, Alain Delon ficava cada vez mais belo, enquanto na realidade estava cada vez mais carcomido. O cinema lhe foi o retrato de Dorian Gray.

“Alain Fabien, Anouchka, Anthony, assim como (o seu cão) Loubo, têm a imensa tristeza de anunciar a partida do seu pai. Faleceu pacificamente na sua casa em Douchy, rodeado pelos seus três filhos e pela sua família. (...) A família pede gentilmente que respeitem a sua privacidade neste momento de luto extremamente doloroso”, informa a família do ator em comunicado citado pela AFP.

Alain Delon tinha 88 anos e estava com a saúde debilitada desde que sofrera um duplo AVC em 2019. Naquela altura afirmou: “Envelhecer é uma merda!”.

Hoje, pelo que leio, o importante é ser considerado um sex-symbol, coisa que não creio que o Alain Delon sequer tenha sido. O fato de ser um grande ator de cinema, protagonizando alguns dos maiores filmes, sobretudo italianos, na sua época áurea, é secundário. O Alain Delon foi a maior estrela masculina do cinema europeu, talvez junto com Mastroianni, nas décadas 60/70. Quando havia cinema, não apenas os enlatados que encantam os ignorantes.



Alan de Delon e Brigitte Bardot a bordo de um iate na Costa do Sol

# Alain Delon, o ator que “adorava morrer”

Fotos/ Divulgação/Getty Images

**T**eve uma infância difícil e uma vida de estrelato. Mas também esteve envolvido em polêmicas e casos. Alain Delon morreu, ficam as imagens de uma vida de cinema

Se Deus existir, Alain Delon queria dizer-lhe que o seu desejo mais profundo era estar com os seus pais “e, pela primeira vez, vê-los finalmente juntos”. Foi o que disse em 1996, numa entrevista na televisão francesa, em resposta a um questionário feito pelo jornalista Bernard Pivot.

O ator francês que foi uma estrela sobretudo nos anos 60 e 70 do século passado, que gostava de morrer nos filmes, morreu no último domingo.

“Vêm-me morrer porque eu sei morrer. Um herói deve saber morrer. Adorava morrer porque é um ponto final”, disse Delon numa entrevista ao Le Monde. Agora, que chegou ao “ponto final” da sua vida, ficam os muitos filmes e imagens de um homem que teve uma infância difícil e que chegou às estrelas, mas também teve casos complicados e opiniões polémicas.



Alain Delon no filme “Plain Soleil” baseado no livro “O Talento Mr. Ripley” de Patricia Highsmith

## Da imagem de sex symbol à aproximação à extrema-direita

Um ícone do cinema francês e de um tempo que já não existe mais. Nos últimos anos, tornou-se admirador das políticas de extrema-direita da Frente Nacional e fez algumas observações recrimináveis sobre esbofetear mulheres.

Em 2018, quando fez 60 anos de carreira, Alain Delon deu uma entrevista à Paris Match durante a qual disse o seguinte: “A vida não me interessa grande coisa. Conheci de tudo, vi de tudo. Odeio a época atual, dá-me vontade de vomitar. Há gente detestável. É tudo falso. Já não há respeito, a palavra dada já não tem valor. O dinheiro é tudo o que interessa. Só ouvimos falar de crimes. Deixarei este mundo sem pena”.

Um ano depois, em 2019, teve um AVC e ficou muito debilitado.

O ator francês tinha qualquer coisa de felino, de enigmático, de perigoso. Foi talvez o primeiro ator de cinema bonito, de uma beleza mais delicada, menos marcadamente masculina que Paul Newman ou Robert Redford. Há uma fotografia da atriz Marianne Faithfull, sentada num sofá entre ele e Mick Jagger – possivelmente o mais felino e sensual dos homens – e a atenção dela está toda virada para Delon. A sua figura delgada e profundos olhos azuis enchem qualquer sala e não davam hipótese a qualquer outro homem, fosse ele quem fosse.

Alain Delon representou os seus papéis mais memoráveis nas décadas de 60 e 70 do século passado, quase sempre personagens frios ou assassinos calculistas. O rosto angular e desconcertante prestava-se bem a isso. As suas feições impassíveis eram como uma folha em branco onde os cineastas podiam construir as suas personagens, plenas de paixão e perversidade. Nunca foi uma estrela de Hollywood, mas

foi o ator fetiche de alguns dos cineastas mais famosos daquele tempo, como Luchino Visconti, Louis Malle, Joseph Losey, Jean-Pierre Melville e Michelangelo Antonioni.

Como tantas vezes acontece, o seu início de vida foi pouco promissor. Os pais divorciaram-se quando ele tinha quatro anos. Na sequência disso, foi viver com uns pais adotivos até a morte destes, num acidente de automóvel. Volta, então, a viver com a mãe e com um padrasto talhante de quem se tornou (relutantemente) aprendiz, aos 14 anos. Foi expulso de várias escolas por mau comportamento e o seu percurso académico foi caótico – a escapatória a uma vida que não desejava não viria por aí.

Aos 17 anos alistou-se na Marinha e serviu na Indochina, como paraquedista. Dos seus quatro anos de serviço militar, passou 11 meses preso por ser indisciplinado. A hierarquia e a estrutura rígida da vida militar também não era para ele: em 1956 foi afastado com dispensa desonrosa. Regressou à vida civil e fez um pouco de tudo para sobreviver. Um ano depois, foi ao Festival de Cinema de Cannes com uns amigos atores e a sua imagem chamou a atenção de um caçador de talentos, mas foi por intermédio de um desses seus amigos que conseguiu o seu primeiro papel no filme Quand la Femme s'en Mêle, de 1957, realizado por Yves Allégret.

Em 1958, participou no filme Christine, uma história de amor passada em Viena – o seu primeiro grande papel num filme romântico –, onde contracenou com a famosa atriz Romy Schneider. Os dois apaixonaram-se durante as filmagens e a relação durou quatro anos, mas Delon e Schneider permaneceram próximos até a morte desta em 1982.

## Em 1965, na sua estreia em Hollywood no filme “Once a Thief”

A fama internacional chegou a interpretação de Tom Ripley, a famosa personagem criada pela escritora Patricia Highsmith, no filme Plain Soleil, de 1960. O charme e frieza ambíguos da personagem – que fazia esquemas para roubar a roupa, o iate e a namorada do seu amigo – assentavam-lhe como uma luva. Outro grande sucesso chegou em 1963, com o papel do jovem revolucionário cínico Tancredi, no famoso filme italiano O Leopardo, de Visconti. La Piscine, um thriller psicológico de 1969, realizado por Jacques Deray, onde contracenou com Romy Schneider e com uma jovem Jane Birkin, é também um dos pontos altos da sua carreira.

Nos últimos anos, Alain Delon tornou-se admirador

das políticas de extrema-direita da Frente Nacional – era amigo próximo de Jean-Marie Le Pen, pai de Marine Le Pen, do partido Reagrupamento Nacional (RN), que perdeu as eleições parlamentares na França em julho passado, para a esquerda francesa. Delon também fez algumas observações recrimináveis sobre esbofetear mulheres – tal como Sean Connery, de resto. Em 2019, o Festival de Cannes esteve debaixo de fogo por ter decidido avançar com a atribuição do prêmio honorário Palma de Ouro, apesar destes seus comentários misóginos, e de outros que fez, contra a adoção de crianças por casais do mesmo sexo.

Foi, até o fim, um ícone de um tempo que já não existe mais. Para o bem e para o mal.



Em 1965, na sua estreia em Hollywood no filme “Once a Thief”

## Vidverto Player

O desfecho já se vinha a adivinhar há um par de anos, quando o ator, já debilitado por dois AVC, começou a ponderar o próximo passo: a morte. Segundo o filho do ator, Anthony Delon, o seu pai terá mesmo pedido que começasse a organizar a sua eutanásia. A revelação foi feita numa entrevista à rádio francesa “RTL” a propósito da sua autobiografia, onde o também ator revelou segredos sobre a sua vida e infância turbulenta às mãos de um pai por vezes agressivo e violento.

Com a relação reatada, terá sido o próprio pai a pedir-lhe que organizasse a sua partida, tal como terá feito para a mãe, que morreu de câncer no pâncreas em janeiro de 2021. A eutanásia estaria preparada, embora não tenha sido necessária. “É verdade que acompanhei a minha mãe. Felizmente, não foi necessário recorrer [à eutanásia] e digo felizmente porque tínhamos tudo preparado. Tínhamos uma pessoa para o fazer”, revelou à revista “Le Point”.

Alain Delon, que também tem nacionalidade suíça, vivia no país que já legalizou o procedimento. O próprio já havia manifestado diversas vezes ser a favor da eutanásia, por ser “a coisa mais lógica e natural”. “A certa altura, uma pessoa tem o direito de decidir ir em paz, sem ter que passar pelos hospitais, pelos tratamentos”, revelou o ator que naquele momento estava se recuperando lentamente dos graves problemas de saúde que o afetavam desde 2019.

“Envelhecer é uma merda”, afirmou. “Não há nada que possas fazer quanto a isso. Perdes a tua face, perdes a visão. Levantas-te e, raio, dói-te o tornozelo.”



A atriz Marianne Faithfull, sentada num sofá entre Alain Delon e Mick Jagger

## O poder de atração de Delon

Numa das fotografias antigas do artista vemos Alain Delon de cigarro na mão e perna cruzada, a esboçar um sorriso tímido na direção de Marianne Faithfull, que parece embevecida pelo charme do francês. No outro canto do sofá, aparentemente constrangido, está nem mais nem menos do que uma das maiores estrelas do rock, Mick Jagger. A imagem captada em 1967 num restaurante em Montparnasse, Paris, materializa o charme do sex symbol do francês.

De costas para o namorado – a atriz e cantora manteve uma relação atribulada com o vocalista dos

Rolling Stones de 1966 a 1970 –, Faithfull parecia ter olhos apenas para o galã do cinema, com quem haveria de partilhar a telona em 1968, no filme “La Motocyclette”. Onde quer que entrasse, Delon centrava em si todas as atenções, o que provocava a inveja de todas as outras estrelas.

“Era tão bonito que quando entrava numa sala, todas as mulheres desmaiavam. Depois os homens, os gatos e os cães...”, recordava o ator Jean-Claude Brialy em 2005, sobre o poder de atração de Delon, que morreu no dia 18 de agosto, rodeado pela família.

# De desconhecido a sex symbol do cinema

Os pais divorciaram-se quando Alain, nascido nos subúrbios de Paris, tinha apenas quatro anos. Cresceu numa família de acolhimento e mais tarde regressou à custódia dos progenitores, que acabariam por enviá-lo para um colégio interno. Era já um rebelde; foi expulso por várias vezes e acabaria por abandonar os estudos aos 14 anos.

Começou a trabalhar no talho do padrasto e sonhava ser talhante, antes de se ter alistado na Marinha, onde serviu durante muito pouco tempo. Passou à reserva em 1956 e fez de tudo um pouco para sobreviver, desde empregado de mesa a vendedor.

Era já um homem de beleza

impressionante. Os seus olhos azuis não passaram despercebidos a Brigitte Auber, jovem atriz que se cruzou com Delon numa noite de bebedeira. “Um amigo veio ter comigo e disse-me que estava um jovem a perguntar por mim. Perguntei se sabia quem ele era, ninguém sabia”, recordou Auber sobre essa noite num clube em Saint-Germain. “Dois dias depois, ele apresentou-se, finalmente. Fui ter com ele. Encontrei um jovem com três copos de cerveja à sua frente, ligeiramente comatoso. Disse-lhe que nos famos embora.”

Saíram juntos pelas ruas de um dos bairros mais famosos da capital francesa. Auber quis saber onde morava, para o ajudar a chegar são e salvo. “Contou-me que vivia em

Bourg-la-Reine e que não podia ir para casa. Então disse-lhe que o iria levar para a minha”, recordou, antes de sublinhar o que aconteceria poucas horas depois. “Obviamente, a meio da noite, fez-me uma visita.”

A relação prolongou-se durante vários meses e foi ela que o levou pela primeira vez ao Festival de Cannes, em 1957, ainda longe de imaginar uma carreira no cinema. “Não tenho grandes memórias disso”, revelou anos mais tarde sobre a viagem que lhe mudaria a vida. “Vim a Cannes com uma garota que gostava de mim e não liguei muito ao festival. Cruzei a passeadeira vermelha, olhei para todo mundo e eles também olharam para mim porque, vão-me perdoar, até não era nada mal parecido.”

## O ator em “Purple Noon” de 1960

Entre as dezenas de pessoas que repararam no desconhecido a passear-se pela passeadeira vermelha estava um caçador de talentos que trabalhava para David O. Selznick, produtor e argumentista norte-americano. Poucos dias depois, Selznick viajava para Roma, para lhe oferecer um contrato de sete anos. A contrapartida? Delon teria que aprender a falar inglês.

Indeciso, o francês acabaria por aceitar o conselho do cineasta Yves Allegret, que o convenceu de que em Hollywood seria uma estrela de segunda categoria. Mais valia ser o maior dos maiores num mercado mais pequeno como o europeu.

Assim fez. Nesse mesmo ano, estreava-se num filme de Allegret, “Quand la Femme S’en Mêle”, no papel de um assassino a soldo.

A ascensão foi meteórica. Nos cinco anos seguintes participou em 14 produções e conquistou rapidamente papéis de protagonista, incluindo o papel de Tom Ripley em “Purple Noon”. “Se não me tivesse tornado ator, estaria morto. O cinema era o meu destino”, revelou em 2017.

Apesar de sempre ter tentado enaltecer o seu talento para a interpretação, em detrimento da sua óbvia beleza, Delon sempre se mostrou ciente do poder que tinha. “Se não fossem as mulheres, teria

morrido. Fui para a guerra na Indochina e regresséi sem saber o que fazer. Foram as mulheres que me amaram, que me trouxeram para esta profissão, que lutaram por mim.”

Era idolatrado por mulheres de todo o mundo e teve relações com muitas delas, entre desconhecidas a estrelas como Mireille Darc e Romy Schneider. Foram muitos os rumores de um relação com a outra super estrela e sex symbol feminina, Brigitte Bardot, - se existiu, nunca foi assumida por nenhum dos dois. Pelo caminho, Delon tornou-se no mais bem pago ator da França.

De desconhecido a sex symbol do cinema

## Delon ao lado de Romy Schneider

A obsessão por Alain Delon parece impactar até o próprio Delon, mesmo quatro décadas depois da sua era dourada no cinema. Em 2018, no seu escritório em Paris repleto de fotografias suas, apresentava-se à imprensa. “Eis Alain Delon”, disse. “Sou belo. E, ao que parece, era mesmo muito, muito, muito bonito. Olhem para o “Rocco”, olhem para “Purple Noon”. As mulheres estavam todas obcecadas comigo, entre os meus 18 e 50 anos.”

Percebeu que tinha esse poder imbatível de atração no regresso da guerra, quando acompanhava os seus amigos nas idas aos cafés da moda em Saint-Germain. “Percebi que todo mundo olhava para mim. As mulheres tomaram-se a minha motivação. Devo-lhes tudo. Foram elas que me inspiraram a ser mais bonito do que os outros, a caminhar de forma confiante, acima de todos os outros. Via-o nos seus olhos.”



Alain Delon e Romy Schneider, um eterno caso de amor

## Uma figura controversa

O ego acabaria por se tornar num problema na vida de Delon. Nas últimas décadas, os seus discursos e entrevistas tornaram-se arriscados, ocasionalmente polémicos. Disse o que pensava, mesmo quando os seus pensamentos não eram propriamente corretos.

Em 2013, provocou uma onda de indignação pelo seu discurso homofóbico. “[A homossexualidade] não é natural. Estamos aqui para amar uma mulher e não para seduzir ou ser seduzido por um tipo.” Ao seu lado, a filha Anouchka, tentou minimizar os estragos reputacionais. “Talvez não seja a homossexualidade que consideras pouco natural. Talvez estejas a pensar no casamento.”

Delon não recuou. “Nunca falei na homossexualidade. Eles que casem entre eles, não quero saber

O que não quero é que possam adotar [crianças]. Pronto, é isso.”

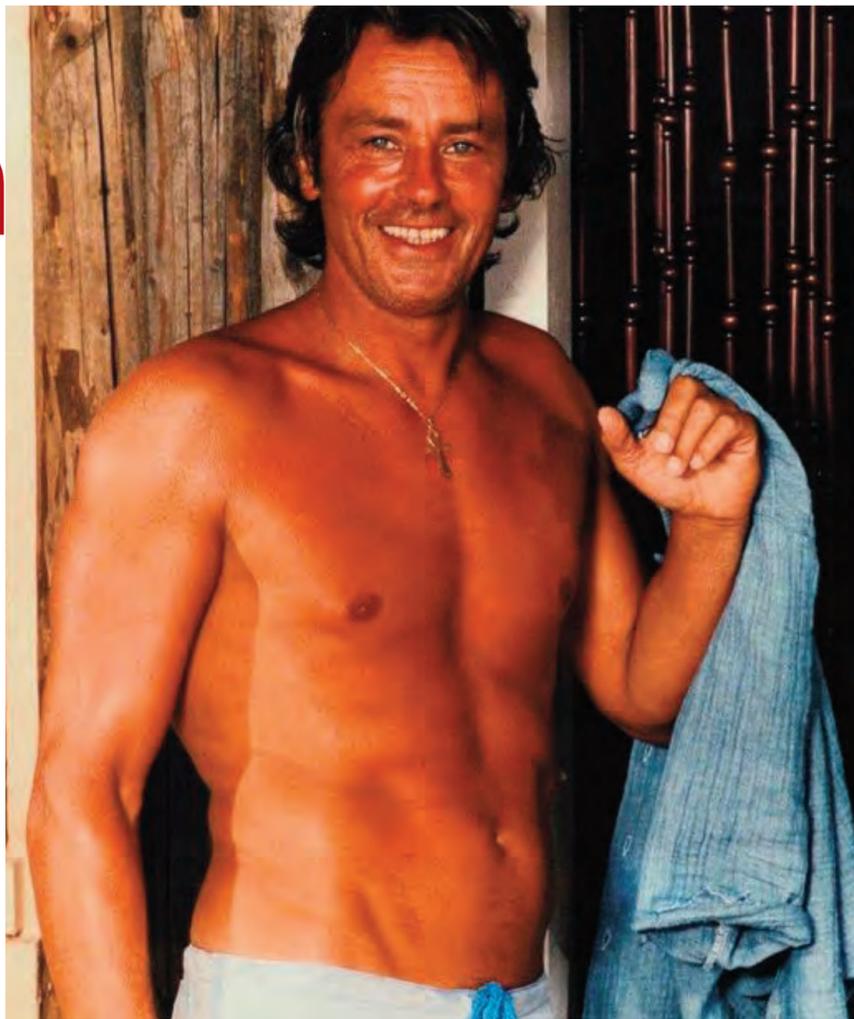
Nesse mesmo ano, o ator mostrou-se politicamente ativo e reforçou o apoio aos movimentos de extrema-direita e à Frente Nacional, com elogios para o líder e a sua filha, Jean Marie Le Pen e Marine. “Pela primeira vez, eles têm os franceses do seu lado.” A posição deu origem a um coro de críticas e várias associações e eventos nos quais Delon participava ativamente, decidiram demarcar-se da opinião do ator.

Um dos seus maiores críticos foi precisamente o filho, Anthony Delon. “É ultrajante. Ele é um ator. Ele que faça filmes e que pare de se armar em politólogo”, disse. O pai respondeu e aconselhou-o a “estar calado”.

Amigo pessoal de Le Pen, manteve-se sempre ao seu lado, mesmo nos momentos mais

difíceis. Foi acusado de ser um apologista de políticas de extrema-direita. “A extrema-direita continua a ser direita. Reúne em torno dela milhões de franceses cuja opinião não pode ser ignorada ou subestimada. Isso é importante”, explicou. “Há argumentos com os quais concordo, outros dos quais discordo. Mas o Jean-Marie é um amigo de longa data.”

Um dos pontos de concordância era também um dos mais polémicos: a abolição da pena de morte. “Correndo o risco de chocar muita gente, o [“Two Men in the City”] foi feito pouco tempo depois da abolição, mas eu sou a favor da pena de morte”, notou em 2009. “Sou a favor porque foi assim que fui criado. Ensinaram-me desde novo que é preciso arrancar as ervas daninhas. E há coisas que não podemos perdoar, que não podemos admitir.”



Alain Delon era o sonho de consumo de mulheres do mundo inteiro

## Delon foi homenageado em Cannes em 2019

Com o estatuto de sex symbol perdido nas décadas passadas, Delon acabaria por se tornar num alvo das feministas. E vice-versa. “As mulheres lutaram pelos seus direitos, tiveram direito ao que queriam. Muito Bem. Mas por que raio é que têm que ir tão longe, ao ponto de começarem a comportar-se como homens? A quererem parecer-se com os homens? Não entendo”, contestou. “E há cada vez menos homens porque há cada vez mais mulheres a transformarem-se em homens.”

Ao longo dos anos, a vida pessoal de Delon foi sendo analisada pela imprensa – sobretudo através de revelações feitas pelos seus filhos, que o acusaram de violência doméstica. Alain-Fabien Delon acusou-o de maltratar Rosalie van Breemen e de lhe ter fraturado oito costelas e o nariz em duas ocasiões. Isto apesar de o ator nunca ter sido

condenado ou acusado formalmente.

Apesar de enraivecido, o pai nunca avançou com qualquer processo por difamação. Em 2019, Delon acabou por voltar a incendiar os ânimos, ao implicitamente assumir a normalidade da violência doméstica. “Se dar um estalo é de macho, então eu sou um macho”, afirmou, apesar de ter contraposto que também as mulheres já lhe tinham batido, mas que nunca havia magoado nenhuma a sério.

Todas essas polémicas regressaram com Delon para um último grande embate, precisamente onde tudo começou, na passeadeira vermelha de Cannes. Em 2019, o festival de cinema decidiu homenagear Alain Delon – uma decisão recebida com protestos, críticas e petições. Caracterizado como um misógino, adepto da extrema-direita, Delon

seguiu contra-corrente a maioria da opinião na comunidade do cinema.

“O Alain é uma velha e deprimida estrela de cinema que passa a vida na televisão a debitar insultos homofóbicos e misóginos”, acusou a então líder do movimento francês #MeToo. “Cannes devia desfazer-se da síndrome do homem branco e honrar uma mulher, não um sexista homofóbico. Ou isso, ou forçá-lo a andar de saltos altos na passeadeira vermelha, tal como forçam as mulheres. Ele que leve os saltos altos para a festa após o evento também.”

Mais recentemente e antes de se tornar numa espécie de ermita após os dois AVC, Delon mostrou ter apenas um arrependimento na vida: “Há algo que nunca fiz e que me vai assombrar para sempre: gostaria de ter feito um filme realizado por uma mulher antes de morrer.”

## O belo foi esnobado no Rio

Essa deliciosa história é contada na coluna de Joaquim Ferreira dos Santos no jornal O GLOBO da última segunda-feira.

A carioca que deu um toco em Alain Delon A vida é dura, e até o mais bonito dos homens aprendeu isso numa noite no Rio.

O empresário Paulo Marinho, testemunha ocular, foi quem me contou essa história, uma fábula moderna que como as antigas tem um ensinamento profundo. A moral desta fábula pode ser resumida com uma frase de camiseta: a vida é dura. Não é fácil nem para o Alain Delon, que nos deixou ontem, o homem mais bonito do mundo.

Em fevereiro de 1978, o ator francês, então com 42 anos, mais lindo do que nunca, dançava “Je t’aime ... moi non plus” na pista da boate Regine’s, no hotel Méridien, no Leme. Sua companheira na coreografia, os dois abraçadinhos como exigia o ritmo da balada safadinha, cheia de sussurros, era a modelo carioca Fernanda Bruni, morena, 23 anos, que acabara de lhe ser apresentada pelo colonista social Zózimo Barrozo do Amaral. Todas as mulheres em volta tentavam fisgar Delon, mas ele só tinha olhos e todo o resto para Fernanda. Uma dezena de andares acima, dormitava inocente a mulher do artista, a atriz Mireille Darc.

Por volta da meia-noite, Paulo Marinho anunciou que estava indo embora e o ator perguntou discretamente se não podia convidar a moça para um drinque no apartamento do empresário. Foram todos. Marinho ensinou Delon a usar o bar, deu boa noite e foi dormir. Às duas da madrugada, no entanto, batem à porta do quarto. Era Delon. Tinha um ar abatido, desolado, bem diferente do orgulhoso protótipo do hétero-macho-civilizado que exibia no cinema.

“Me ajuda”, balbuciou, “ela não quer transar comigo.” É aí que a fábula se mistura neste texto às dicas de autoajuda e Alain Delon serve aqui para aliviar o

sofrimento da espécie masculina em geral. Não importa se com grana, se espaduados, com olhos cor de ardósia, com uma passagem até Nova York para oferecer em troca – todos temos um enorme currículo de fracassos amorosos.

O homem mais bonito estava, duas da madrugada, pedindo socorro como um rato em pânico. Diante da possibilidade iminente de ser como todos os outros demais mortais, provava o gosto amargo do toco. Paulo Marinho foi compreensivo, mas precisava dormir, e apelou para a objetividade elegante naquela hora tardia: “Você é o Alain Delon”, argumentou, “e quer que eu resolva o problema? Se ela não quer dar pra você, quem sou eu pra fazer ela mudar de opinião?”

O ator insistiu. Tinha investido a noite inteira na conquista, seu currículo não podia ostentar tamanho insucesso. Precisava marcar a morena na coronha do revólver. Marinho foi falar com Fernanda.

“Querida”, iniciou em tom de súplica. “Você está aqui com o Alain Delon, todas as mulheres do planeta gostariam de viver este momento. Pelo amor de Deus, vê o que você pode fazer, eu preciso descansar.”

Fernanda Bruni levou Delon de volta à mesa de negociações, o sofá de frente para o mar idílico de Copacabana. Disse que sim, ok, você venceu, mas antes precisava ir ao banheiro. De fato, ela até foi na direção do mesmo, mas já com a bolsa a tiracolo. No meio do caminho, pegou um atalho, a porta da saída, e byebye, meu francês. Estava apaixonada por um carioca, era-lhe fiel – e, resoluta, deixou o mais bonito do mundo no sofá, sofrendo as mesmas dores do abandono, da rejeição, esses boleros tão conhecidos por todos nós, os homens comuns.



Alain Delon e Brigitte Bardot, uma amizade que durou a vida inteira



Alain Delon, Mireille Mathieu, Pelé, Michel Sardou e Johnny Hallyday, em janeiro de 1978, em Paris



# Alain Delon (1935-2024): o ator que perseguiu a sua própria morte

Correu várias vezes atrás do seu duplo nos filmes. Finalmente apanhou-o. Alain Delon, 88 anos, o ator da “perpétua intranquilidade”, morreu esta manhã na sua propriedade de Douchy.

## Alain Delon: uma das carreiras mais monumentais da história do cinema

Depois de tanto andar atrás dela, Alain Delon conseguiu finalmente apanhar a sua morte. A imprensa francesa cita uma declaração dos seus “três filhos (e do seu cão Loubo)” à AFP: O “monumento”, o “samurai do cinema francês”, dizem os jornais e as televisões, partiu. O ator que mais belas e teatrais mortes teve no cinema morreu “serenamente” na sua propriedade de Douchy, aos 88 anos. Foram belas as mortes de Alain Delon no cinema. Mas ele nunca escondeu que envelhecer não era doce, que a saúde e o envelhecimento, um câncer e um AVC, estavam sendo injuriosos para aquele que fora um dos mais belos seres humanos do planeta.

Logo no início de carreira, Alain Delon perseguiu esse duplo, a morte, em Histórias Extraordinárias, no episódio William Wilson dirigido por Louis Malle, em 1968. Continuou a gostar de morrer em Os Sicilianos (Henri Verneuil, 1969), Tratamento de Choque (Alain Jessua, 1973), Big Guns/Sentença de Morte (Duccio Tessari, 1973), Scorpio (Michael Winner, 1973), O Círculo Vermelho (Jean-Pierre Melville, 1970) ou L’Homme Pressé (Edouard Molinaro, 1977) – O Homem Apressado podia servir de síntese: Alain Delon, sem tempo para perder tempo; Alain Delon, o homem da “perpétua intranquilidade”.

É apenas uma pequena amostra, numa carreira de mais de cem títulos entre cinema e televisão. Em dois deles, L’Insoumis, de Alain Cavalier (1964), e O Samurai (1967), de Melville, é ele que gere o seu final, peripatético no primeiro caso, pudico no segundo. Mas em ambos, cruzando as mãos com as luvas brancas no filme de Melville ou levando-as ao rosto para fechar os olhos no filme de Cavalier (um fotograma dessa sequência fez a capa de The Queen is Dead, o terceiro álbum de estúdio dos Smiths), é como se mantivesse o espectador à distância do seu ritual solene. Delimitando uma zona rarefeita, íntima, só dele e que ele, como um animal, demarca com a sua estética.

Até o fim, nos filmes, foi um pudico e foi um narciso. Por isso tanto deve ter sido consumido no final da vida pelas desavenças entre os seus três filhos, Anthony e Alain-Fabien de um lado, Anouchka do outro, que se digladiaram em público em torno da tutela do pai e do ascendente que gostariam de manter junto dele.

Foi um altivo encenador do seu teatro. Alain Cavalier referiu-se uma vez a ele, numa conversa em 2010, nestes termos: pertencia a uma estirpe de “corpos gloriosos” conhecedores profundos da mise-en-scène. É essa a história da sua interpretação maior, que é também a obra-prima do seu realizador, Joseph Losey: Monsieur Klein (1976). É uma história de duplos, de um homem apressado, de perpétua intranquilidade, Delon como Klein atrás de Delon como Klein até à morte, precipitando-se para os campos de concentração. Durante a filmagem, o cineasta escreveu à mulher: tudo corria bem no plateau, mas o ator era um homem “quebrado”, “triste”, uma “tragédia” ambulante. E tinha apenas 41 anos.

## O ator como autor obsessivo

Numa entrevista ao Le Monde, Delon abriu um dia o jogo: “Vêm-me morrer porque eu sei morrer. Um herói deve saber morrer. Adorava morrer porque é um ponto final.” Era também perito na teatralização, nisso “o ator que gostava de morrer” foi estrondoso. E como jogou com ela, com a morte, e como tanto a invocou: em maio de 2019, homenageado pelo Festival de Cannes, referiu-se à distinção como um prémio “póstumo” pois já não tinha nada a dizer ao cinema, nada a acrescentar à vida. Perante a incredulidade da assistência, dos risos de



desconforto, anunciava aí a sua partida – o homem já não filmava mas continuava a ser um ator –, e são essas imagens que estão passando incessantemente na televisão francesa. Citou também um dia o seu herói, o General De Gaulle, a única “estrela” que o embasbacou: “Envelhecer é um naufrágio”.

Na sua propriedade de Douchy, onde se refugiou nas últimas décadas – era preciso gostar da escuridão, da solidão e da natureza para ali viver (segundo a filha Anouchka) –, há espaços que só ele usava: uma sala com o espelho de maquiagem e as lâmpadas, mais adereços de carreira, como uma roupa de palhaço, e um “altar” com as fotos dos seus, os mortos. Aí nem as fotografias dos filhos entravam. Romy Schneider, Mireille Darc, Nathalie Delon, as mulheres que ele deixou sem nunca as deixar, Luchino Visconti, Jean-Pierre Melville, René Clément, os realizadores que o guiaram como figuras paternas, estão nesse mausoléu pessoal que vai dar a uma sala de cinema privada onde Apocalypse Now era um dos filmes favoritos. E é tão perfeito isto que se segue que não pode ser mera

coincidência: Alain chegou a escrever a François Truffaut para mostrar interesse pela personagem de O Quarto Verde (1978) que o cineasta acabaria por interpretar, um homem, Julian Daverne, que constrói um mausoléu em casa com os mortos da sua vida.

Do cinema que já acabou, Alain Delon foi a última das estrelas europeias. Ou representante de uma espécie. Era natural que várias vezes dissesse que já tinha morrido. O brilho é que ainda nos continuava a chegar. É que houve uma época em que se ia ao cinema para ver Delon. Que era sempre ele, o físico de contornos definidos em que luz e sombra se encontravam “com alegria”, alguém descreveu, recortando uma ameaça felina. Essa imagem de marca, essa assinatura, dizia Henri Rode no livro-perfil que lhe dedicou em 1976, era trabalhada contra o efêmero. É nesse sentido que um ator pode ser um “autor” obsessivo, alguém que escreve a sua obra. Isso é uma característica tão europeia que as investidas americanas, os convites de Hollywood, onde Delon foi recebido em festas de homenagem à “maravilha francesa” ou ao “D’Artagnan de Paris”, nunca

deram em nada de memorável.

Já na Europa teve a seu jeito os sacrossantos, para além dos citados Visconti, Malle, Clément, Melville ou Cavalier. Michelangelo Antonioni e O Eclipse (1962), Valerio Zurlini e Outono Escaldante (1972), má relação entre ambos mas belíssimo filme, Godard e Nouvelle Vague (1990) vieram juntar-se a uma das carreiras mais monumentais do cinema mundial. Foi ele o responsável por sucessos como A Piscina (1969), onde impôs a ex-amada Romy Schneider, resgatando-a a um momento de paralisia na sua carreira e levando os espectadores a viver através das personagens o romance que já terminara entre os dois, e Borsalino (1970), formando dupla com Jean-Paul Belmondo, seu amigo, seu rival, a outra vedete que, com ele, sustentou durante os anos 1970 toda uma indústria.

Um e outro, já agora: Belmondo era filho da alta burguesia, Delon um produto de um círculo familiar destróico e socialmente frágil; um era exuberante, todo exteriorizado, a sua aprendizagem feita no Conservatório, o outro, um autodidata, de registo interiorizado, minimalista (“japonês”, dizia-se, e deve ser por isso que com o sucesso de Plein Soleil, de René Clément, foi objeto de adulação extrema no país do Sol Nascente, onde todos os seus filmes passaram a ter “soleil” no título traduzido). Cada um deles, Alain e Jean-Paul, inverteu a determinada altura para o cinema comercial, dando aí vazão ao seu narcisismo.

Belmondo, depois do fracasso de Stavisky, de Alain Resnais (1974) – um filme de drama biográfico francês de 1974 baseado na vida do financista e fraudador Alexandre Stavisky e as circunstâncias que levaram à sua misteriosa morte em 1934 –, cortou com o cinema de autor e exercitou a sua autoironia, a derrição em veículos para as suas acrobacias. Por isso pôde às tantas parecer mais moderno.

Já Delon, como se se tratasse de uma crença em que só ele acreditava, insistiu na escuridão, construiu aí a sua própria autoria, produziu e realizou com excesso de voluntarismo, por isso às tantas pareceu mais narcísico, deslocado do mundo e dos novos rostos que apareciam, como Gérard Depardieu, Patrick Dewaere e outros. Mas Jacques Dery, que realizou A Piscina e Borsalino, disse dele: “Perante a câmara, a sua preocupação de autocritica permanece intacta. Meter o público na algibeira à força de truques é demasiado pouco para ele”.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



A designer Cintia Klamt Motta ao lado de uma das belas obras de Fernando Motta



A top internacional Bianca Klamt contemplando as obras do pai Fernando Motta

# ECOS DA MEMÓRIA

Foi um grande sucesso a abertura da exposição "Ecos da Memória", que o arquiteto Fernando Motta está realizando no Convento das Mercês.

Há pouco tempo o arquiteto decidiu incursionar pelo universo da arte pictórica e em pouco tempo se firmou como um dos artistas plásticos mais renomados do Maranhão.

Fernando nasceu no Rio

Grande do Sul, em 1948, e aqui constituiu família e ganhou fama e prestígio. Seu início na arte foi tardio. Ele começou a pintar depois dos 50 anos, após um longo período fazendo sucesso como arquiteto.

Fernando desenvolveu um estilo único e distintivo, caracterizado por suas pinturas coloridas, muitas vezes inspiradas na arquitetura e nas festas populares do Maranhão – e do Brasil, de um modo geral.

Ao longo de sua carreira, Fernando participou de várias exposições, conquistando reconhecimento e aclamação crítica. Sua influência no cenário artístico maranhense é significativa.

Fernando Motta mantém-se como uma parte importante do patrimônio artístico do Maranhão e inspira novas gerações de artistas e apreciadores da arte.



A família reunida: Bianca Klamt, Cintia e Fernando Motta, Marcella Tranchesi e Rodrigo Klamt Motta



Médico Carlos Gama e Jeane



Socorro Bispo, Jeane Travassos Gama e .....



Donizetti e Moacir Machado



Fernando Motta com a procuradora de Justiça Themis Carvalho, Fernando Motta e o advogado Antonio José Soeiro



Guga Fernandes e Fernando Motta



Marisa Consalter e Nazaré Souza



Antonio José Soeiro e Luis Augusto (Guto) Guterres



Fernando Motta entre Vânia e Pedro Wanderley Aragão



Genésio Bertrand e Ivani, Bianca Klamt, Fernando Motta e Marta Bertrand



Kécio Rebelo e Teresa Martins



O arquiteto César Cardoso e Bianca Klamt



Cintia e Fernando Motta com Graça Sampaio



Socorro Goulart, Cintia Klamt Motta, Cristina Ferreira, Guga Fernandes, Márcia Paz, Luzimar Paz, Val Paulino e Bianca Klamt



José Jorge e Beth Soares



Augusto Pestana e Oton Lima com Fernando Motta e Cintia



Socorro Bispo, Ana Cristina Maranhão, Rosário Saldanha, Niura De Déa, Teresa Martins e Jeane Gama



Marco Antonio Lima, Kécio Rebelo, Fernando Motta e Carminha Cabral Marques



Rodrigo Klamt Motta e Marcella Tranchesi com o tio Felipe Klamt



Fernando Motta e Álvaro César Ferreira



Marão Filho e esposa



Kécio Rebelo entre Jessica e Sáva



Teresa Martins com Fernando Motta e Cintia



Guilherme Frota com Val Paulino e Nazaré Souza



Cintia Klamt Motta, Danielle Vieira, Bianca Klamt, Fernando Motta, Rodrigo Motta e José Domingues Neto



Fernando Motta entre Nazareth e Alberto Tavares Vieira da Silva



Ricardo Gonçalves Silva, Luzimar Paz e Márcia Paz com o artista Fernando Motta



Álvaro César e Cristina Ferreira com o filho Gustavo em volta do artista



Fernanda Albuquerque de Araújo Costa com os anfitriões



Fernanda Albuquerque de Araújo Costa, Fátima Martins, Manuela Martins e Cristina Ferreira



Kécio Rebelo e Fernando Motta



César Cardoso e Fernando Motta



Socorro Bispo, Jeane Gama e Vânia Farias



Kécio Rabelo, Tatiane Lindoso (Dir. Educacional da FMRB) e Fernando Motta



Genésio Bartrand e Ivani com Fernando Motta e Marta Bertrand



Fernando Motta contemplando sua própria obra



Lourival Parente Filho e esposa Leandra com o artista



Curador da mostra, Marco Antonio Lima e Fátima Lima com Fernando Motta e Cintia



Fernando e Cintia com Maria de Fátima Frota

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

@evandrojr

@evandrojr

## Sandra Annenberg na Praça João Lisboa

Em São Luís a trabalho, a jornalista paulista Sandra Annenberg, apresentadora do programa Globo Repórter, da Rede Globo, demonstrou que, além de competente e carismática, é muito simpática, simples, acessível e do povo.

Ela desembarcou na terça-feira (20) na capital maranhense e do aeroporto foi direto para o Centro Histórico com sua equipe de produção.

A equipe foi vista na Praça João Lisboa admirando a paisagem perto do casarão de número 55, onde funciona o Consulado Music Beer, onde daria início às gravações para o famoso programa da Vênus Platinada, especializado em reportagens especiais.

### Grêmio Lútero

A jornalista e sua equipe ainda conversaram com o empresário Ricardo Pororoca, do ramo de eventos, e que gerencia o imóvel e o projeto em andamento nas instalações do antigo Grêmio Lútero Recreativo Português.

Curiosa por natureza, Sandra quis saber mais sobre a João Lisboa e sobre outros logradouros que embelezam a 'Cidade Antiga'. Na verdade, seu foco era exatamente esse casarão, por ter uma relação direta com a história de uma famosa cantora maranhense. Foi lá que Alcione fez seu primeiro show.

Sandra também esteve no Colégio Liceu Maranhense, onde foi recepcionada com muito carinho pelos estudantes, que não esperavam jamais a visita daquela que é uma das celebridades da mídia brasileira.



Sandra Annenberg desembarcou em São Luís direto para a Praça João Lisboa

## Brasil perdeu um diamante da TV

A semana termina com o coração partido pela despedida para sempre do maior apresentador de televisão de todos os tempos. O Brasil perdeu Silvio Santos, nascido em 12 de dezembro de 1930. Foi-se o 'Homem do Baú', o impecável comunicador, excelente entrevistador e a mais perfeita dicção para um profissional da mídia. Era um diamante reluzente da televisão brasileira.

Senor Abravanel era um exímio empreendedor e soube como ninguém galgar os degraus que o tiraram da atividade como bilô para se transformar em um milionário vitorioso.

Aliás, de sua admirável trajetória, não se deve esquecer que ele tentou ser candidato a presidente da República pelo Partido Municipalista Brasileiro (PMB), em 1989, quando o então governador de Alagoas, Fernando Collor (PRN), e o então deputado federal Luiz Inácio Lula da Silva (PT), entre outros nomes, se preparavam para disputar a sucessão do então presidente José Sarney (PMDB), na primeira eleição direta para o comando do país após a ditadura.

No entanto, a Justiça Eleitoral rejeitou o registro da candidatura de Silvio por ser ele proprietário do SBT. A candidatura encantou muitos segmentos da direita liberal e teve o então senador maranhense Edison Lobão (PFL) como um dos principais articuladores.

Há quem diga que foi Edison Lobão quem levou a ideia a Silvio. Na época ainda no auge do sucesso como apresentador e empresário, ele aceitou de pronto, fazendo de Lobão seu principal aliado e conselheiro, mas que, por ser de outro partido, preferiu não aparecer muito.

- Além da maratona nacional que já vinha empreendendo nos últimos meses, a cantora Alcione parte, esta semana, para uma turnê internacional pela Europa e Estados Unidos.

- A artista fez sua primeira apresentação no Central Park, no último dia 22, durante o SummerStage, na abertura do Inffinito Brazilian Film Festival of New York. Foi a primeira vez que ela cantou no Central Park.

- Dos Estados Unidos, Marrom partirá para apresentações na Espanha, Irlanda, Suíça e Portugal.

- Em alusão ao mês de enfrentamento à violência contra a mulher, Agosto Lilás, a Casa da Mulher Brasileira, em articulação com o Centro Estadual de Referência da Mulher Negra Ana Silva Cantanhede, realiza roda de diálogo voltada à difusão de informações acerca dos mecanismos de proteção à vítima de violência doméstica e familiar.

- A atividade objetiva aproximar a comunidade dos serviços de atendimento e explicar os sinais de relacionamentos abusivos.

- Até o próximo dia 28 de setembro, a APAE de São Luís celebra a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla 2024. O tema é "Nossa história: quem somos e o que fazemos".

- A Semana é também um convite à reflexão sobre a trajetória de 70 anos do movimento Apaeano no Brasil e o impacto positivo do seu trabalho na sociedade.

- Na abertura, que aconteceu no São Luís Shopping, o destaque foi o show de talentos dos alunos assistidos pela instituição, que usa a cultura como uma poderosa ferramenta de inclusão e socialização.

- O shopping, representado pelo executivo de Marketing Igor Quantim, recebeu o certificado de "Empresa Apaexonada".



Flávia Bittencourt entre Dalva Rêgo, Almístron Marinho, a empresária Gersa Regina e a cerimonialista Gisela Diniz

## Flávia Bittencourt no bistrô Amovinho

A cantora e compositora Flávia Bittencourt, uma das mais belas vozes do Maranhão, comandou um bate-papo enriquecedor sobre o tema "A importância da resiliência na carreira artística". A conversa se deu em torno de um grupo de mulheres empreendedoras de diferentes nichos de trabalho.

O encontro da artista maranhense com empreendedoras aconteceu durante o projeto 'Terça para Mulheres' (TPM), realizado todas as terças-feiras no salão principal do bistrô e adega Amovinho, no Parque Shalon, sob o comando dos empresários Almístron e Célia Marinho.

Flávia tem profunda inserção

na cultura maranhense e já se apresentou inclusive no exterior, com passagens pela Europa e Estados Unidos. Ela compartilhou com outras mulheres as estratégias das quais lançou mão para lidar com problemas e adversidades no meio artístico, adaptando-se a mudanças e superando obstáculos.



Dilsinho é uma das atrações deste sábado no Samba Brasil, evento que continua no domingo, com vasta programação

## Samba Brasil com celebridades do gênero

A 4Mãos Entretenimento, de Marcelo Aragão e Roberto Gurgel, realiza, neste fim de semana, o esperado Samba Brasil, na área externa do São Luís Shopping.

O festival reunirá destacados nomes da música brasileira, como Péricles, Sorriso Maroto, Dilsinho, Kamisa 10, Ferrugem, Turma do Pagode, Feijoada Completa, Davizão, Os Parças e Negro Som. Serão duas noites intensas de muita música, dança e descontração.

No sábado, a festa começa com o cantor Davizão. Logo em seguida tem Kamisa 10, Dilsinho, Sorriso Maroto e Feijoada Completa, que prometem agitar o público com seus maiores hits.

No domingo é a vez de Os Parças, Ferrugem, Turma do Pagode, Péricles e Negro Som, garantindo um repertório eclético para todos os gostos.



O jovem Gentil Neto reuniu mais de 25 mil pessoas na convenção que homologou sua candidatura a prefeito de Caxias, no Ginásio Castelinho. Ele fez um discurso vibrante, reafirmando sua identificação com os caxienses

**CLICK** do professor, consultor e empresário Ricardo André Carreira, que neste fim de semana ministra aula sobre gerenciamento da cadeia de suprimentos e logística reversa para os alunos do MBA em Logística e Supply Chain e Engenharia Portuária, na Faculdade de Negócios Faene

